Jornal do Colégio ETAPA

segunda quinzena de novembro de 2010 – número 508

Thalles Diório Peixoto está no 4º ano do curso de Farmácia-Bioquímica da USP. Faz estágio em uma indústria farmacêutica e pretende realizar até o ano que vem dois intercâmbios. Aqui ele mostra como é ampla a área de atuação do profissional de Farmácia, mas lembra que mais difícil do que entrar na faculdade é conquistar espaço no mercado de trabalho. Afinal, como ele explica, "não existe uma Fuvest para o mercado de trabalho".

▶ Thalles Diório Peixoto

"Farmácia é um curso tanto da área da saúde quanto de tecnologia e administração."

JC – Por que você escolheu Farmácia-Bioquímica como carreira?

Thalles – Desde o 1º ano no colégio eu gostei bastante de Biologia e Química, e me interessei pela área de laboratório. Participei de várias olimpíadas aqui no Etapa, de Física e Química, então sabia que gostava dessa área. No 2º ano pensei em Odontologia e Medicina, e isso acabou criando um *link* para Farmácia, que é um curso tanto da área da saúde quanto de tecnologia e administração.

No 3º ano, você se considerava preparado para os vestibulares? Mudou alguma coisa em sua forma de estudar?

Eu focava muito nos simulados. Resolvia todas as questões que tinha errado e revia as questões que tinha acertado. Eu era bem metódico, marcava na prova as questões que tinha resolvido com certeza e as que tinha chutado, e também marcava entre quais alternativas eu estava. Quando chegou a revisão, eu foquei em fazer todos os exercícios de Matemática, Física, Biologia e Química. Matemática foi um pouco mais difícil, não consegui completar, mas fiz todos de Física, Química e Biologia. Das outras matérias, fiz a maioria.

Você prestou quais vestibulares?

Fuvest e Unicamp, ambos para Farmácia. Passei nos dois e escolhi a USP pela tradição do curso.

Como foi o início no curso de Farmácia-Bioquímica?

Na faculdade eu comprovei que o Etapa me deu uma base muito forte. Química Orgânica, Química Analítica, Biologia Celular, muitas das coisas que eu estava vendo lá, principalmente no 1º ano, eu já tinha visto aqui. Só tive de focar mais em Química Orgânica, porque você estuda outros pontos que não os do Ensino Médio. O mais difícil talvez tenha sido me adaptar a estudar à noite.

Por que você escolheu o curso noturno, que dura seis anos, um a mais que o curso diurno?

Tive aqui uma dica sobre o curso noturno – você tem disponibilidade de tempo para estudar e para se iniciar no mercado de trabalho. Estudando à noite, sem compromissos

Nesta Edição

entrevista
Carreira – Farmácia-Bioquímica 1
conto
Missa do galo – Machado de Assis 4
artigo
Testes ajudam memória 6
Farinha de 30 mil anos 7
entre parêntesis
Caiu na Fuvest 6
Para treinar seu inglês
Mack 7
Pois é, poesia
Seleta modernista 8

durante o dia, eu aproveitava para ir à biblioteca e fazia resumos. Depois, quando comecei a trabalhar, já estava mais acostumado com o sistema. Você passa a estudar de forma mais seletiva, aprende a enxergar onde estão as coisas importantes.

Surgiu alguma dúvida sobre sua escolha, depois que você entrou em Farmácia?

Não tive dúvidas, principalmente porque comecei a fazer Iniciação Científica no segundo semestre do 1º ano. A partir do momento em que eu estava na USP, tive certeza de que gostava daquela área.

Há um período básico no curso de Farmácia?

No curso da USP, não. Na Unifesp o 1º ano é generalista, mas no curso da USP a primeira parte é focada em Química, a segunda parte é muito focada em Fisiologia e Anatomia, e a terceira parte é mais focada em Farmácia mesmo. Estou começando a ver a terceira parte agora.

Que matérias você estudou até agora, em cada ano?

No 1º ano, Química Orgânica, desde o primeiro semestre – ela prossegue no curso inteiro –, e Química Analítica. No 2º ano a gente estuda Bioquímica. No 3º ano tem tanto Biologia Molecular quanto a parte de Fisiologia, Anatomia e Histologia. No 4º ano estudamos Farmacologia técnica, Farmacocinética e Farmacodinâmica.

O que o espera no 5º e no 6º ano?

As partes mais avançadas de Farmacologia, princípios ativos naturais que envolvem uma parte de Botânica, chamada Farmacognosia [parte da Farmacologia que trata das drogas ou substâncias medicinais em seu estado natural, antes de serem manipuladas]. Também tem matérias de gerenciamento. São matérias bem diferentes, porque o perfil do profissional de Farmácia-Bioquímica é diferente.

Na forma de estudo, alguma dificuldade?

A maioria dos professores são pesquisadores muito bons na área deles, são professores de ponta, mas não têm a didática que existe aqui. Um professor chegava a falar na sala que o livro de Química Orgânica que tinha saído um ano antes já estava desatualizado, que não adiantava cobrar na prova o que estava no livro – "vou cobrar o que existe, vocês anotem o que vou passar agora"–, e era a própria pesquisa dele. Neste ponto você tem conhecimento que é atual. Ainda mais numa área de tecnologia que muda o tempo todo, descobrem-se coisas novas o tempo todo. Esse é o diferencial de estudar na USP.

Além das aulas, de que atividades você participou na USP?

No 1º ano eu entrei no centro acadêmico e comecei a ajudar na organização de eventos. O primeiro foi uma campanha que fizemos no Hospital das Clínicas pelo uso correto de medicamentos e quão grave pode ser o mau armazenamento dos produtos. Há também uma semana farmacêutica todo ano, é o maior evento organizado por estudantes de Farmácia no Brasil, e a gente ajuda indo atrás de palestrantes de várias áreas, internacionais e do Brasil. No 2º ano eu foquei no departamento de extensão universitária dentro do centro acadêmico. Extensão é um dos tripés da USP – ensino, pesquisa e extensão. Ensino está na sala de aula, pesquisa no laboratório, e extensão é tudo que a gente teve no ensino e na pesquisa que pode ser aplicado para a sociedade. Dentro desse departamento ajudei a organizar a campanha de uso correto de medicamentos do ano seguinte e outras campanhas na área da saúde: de doação de sangue, de diabetes. Os dados que coletamos normalmente acabam virando um resumo em artigos que são publicados todos os anos. Um laboratório da USP, de Biologia Molecular, acabou aproveitando esses dados. E no 3º ano passei para a diretoria do departamento social. Participei também da Farma Júnior da USP, a primeira empresa júnior de Farmácia do mundo.

Você disse que no segundo semestre do 2º ano começou uma Iniciação Científica. Qual era o tema?

Biologia Molecular. Meu trabalho era pesquisar genes que poderiam estar relacionados com doenças crônicas, como hipertensão e diabetes. Pegava amostras de sangue de pessoas que tinham doença e das que não tinham, e comparava os padrões no DNA para tentar descobrir se havia ou não uma característica genética comum. No 2º ano comecei outra Iniciação Científica, no Instituto de Química.

Qual era o projeto?

Trabalhei com um professor que faz pesquisa com fármacos envolvendo metais. O objetivo era conseguir uma nova ligação com um metal que se chama nióbio e fazer com que ele entrasse mais facilmente no organismo. A ideia é a seguinte: fora da célula, o nióbio tem um estado de oxidação, dentro da célula tem outro – dentro da célula ele acaba sendo citotóxico. Estávamos buscando fármacos contra o câncer usando o nióbio que pudesse entrar na célula. Antes de entrar, ele está inócuo, mas, entrando, fica tóxico e pode ser seletivo para células que se dividem muito rápido, como as células do câncer.

Você disse que o curso noturno facilita a entrada no mercado de trabalho. Você já fez estágio durante o curso?

No 3º ano eu comecei a buscar estágio na indústria farmacêutica. Mandei meu currículo só para a Chiesi, uma empresa italiana, e estou lá desde o fim de maio de 2009. Foi bem legal mudar completamente a visão de trabalho. Antes tinha aquela visão da pesquisa e passei a ter a visão de trabalho dentro de uma indústria grande.

O que você faz nesse estágio?

Dentro do escritório o farmacêutico trabalha com três coisas basicamente: o marketing farmacêutico, que é para os médicos – no caso, nosso marketing é muito mais científico, pelo conteúdo, feito por farmacêuticos que se interessam pela área. A outra área em que eu trabalho é a regulatória, que envolve o registro de produtos junto à vigilância sanitária. E a terceira área, de Farmacovigilância, envolve a ciência que estuda todos os processos relativos a efeitos adversos de um medicamento. A Farmacovigilância é muito grande no mundo inteiro e existe uma unidade central, na Suécia, que recebe todos os relatos e os compara.

O estágio é muito diferente do que você aprende na faculdade?

Não. Comecei a fazer estágio ano passado, junto com as matérias de Fisiologia. Quando estava corrigindo os papéis de marketing, fui aprendendo muita coisa que logo em seguida eu vi na faculdade. Se tivesse escolhido outra área dentro da empresa, por exemplo, controle de qualidade, →

talvez eu não usasse tanto a parte de Fisiologia, talvez usasse um pouco mais a parte de Química Analítica. Sempre dá para você aplicar seus conhecimentos. Eu penso em fazer depois uma pós em alguma área de Administração ou Marketing para juntar o conhecimento farmacêutico com o conhecimento administrativo, para poder continuar trabalhando nessa área, que me interessa. Eu me imagino no futuro trabalhando com a parte de venda de produtos, a parte de logística.

Então, você está satisfeito com a área em que trabalha?

Gosto dessa área e também gosto muito da ideia de dar aulas. Dentro da indústria farmacêutica eu consigo trabalhar com treinamento. A gente acaba dando aula de Farmácia para os representantes.

Estes representantes são farmacêuticos também?

Alguns são farmacêuticos, mas a maioria não é. A maioria desses representantes são engenheiros ou administradores que foram para a área de vendas.

É difícil conseguir estágio na área farmacêutica?

Farmácia é um campo em que não falta estágio. Nosso mural na faculdade está sempre lotado de ofertas de estágios. Tanto empresas de medicamento, como a Rhodia, Bayer, quanto empresas de alimentos, Danone, Nestlé, quanto empresas de bebidas, Ambev, Coca-Cola, e empresas de cosméticos. Todas têm muito interesse no profissional farmacêutico, que é diferenciado, com uma visão ampla de tudo que envolve a química do organismo humano. Por isso a gente pode pensar em qualquer coisa que envolva o organismo humano como área de trabalho em que o farmacêutico pode entrar.

Como está o mercado de trabalho?

Na minha sala, no curso noturno, todo mundo está trabalhando, a maior parte em indústrias. Vários tipos de indústria. Só quem tem realmente a ideia de carreira acadêmica continua agora no 4º ano trabalhando com pesquisa.

Na disputa por um emprego, o que faz diferença entre os candidatos?

Essa é uma experiência que eu tive na prática, em entrevista de emprego. As pessoas consideram como qualidades entrar na USP e saber inglês, mas você tem de diferenciar seu currículo com participações ativas na faculdade, organizar coisas, trabalhar no departamento que dá assistência à população. Tudo que você vivencia é importante.

Isso foi um diferencial para você?

Sim. A minha entrevistadora fez Farmácia na USP. Quando falei o que fiz, ela disse que também participou de tudo. Ela entendeu que minha experiência na faculdade foi diferenciada.

Você tem ainda dois anos de curso pela frente. Quais são seus planos para esse período?

Estou vendo um intercâmbio agora para dezembro, nos Estados Unidos. É um intercâmbio de *work experience*, para trabalhar em alguma coisa não relacionada a Farmácia, para aprender inglês. E quero fazer outro intercâmbio em julho do ano que vem, através de uma instituição que se chama Iaeste [International Association for the Exchange of Students for Technical Experience], que promove intercâmbio entre estudantes em mais de 90 países. Através da Iaeste você pode passar de dois a doze meses fazendo estágio na sua área de estudo e recebendo remuneração suficiente para cobertura de suas despesas básicas com alojamento e alimentação. Tem intercâmbios em todas as áreas de formação, mas principalmente nas áreas de tecnologia. Há estudantes fora do Brasil procurando estágio para outros estudantes, e aqui no Brasil estudantes também procuram vagas de estágio. Eu participo do programa e já consegui vagas de estágio para dois estudantes que nem são da minha área. Nós, do Brasil, procuramos estágios para estrangeiros e vice-versa.

Como o colégio é importante, para você, na faculdade e em seu dia a dia?

É absurda a quantidade de conhecimentos que a gente recebe aqui dentro, principalmente quem participou ativamente das matérias do Etapa ou das atividades extras oferecidas, como as olimpíadas de Matemática, Química, Física. Eu participei de olimpíadas de Física e de Matemática, fiz Filosofia, fiz Atualidades. As experiências que tive aqui ajudaram bastante, enriquecendo meu conhecimento. Uma coisa que aplico até hoje é Análise Dimensional, que, independente do que você faça, é uma forma de resolver problemas. Até hoje uso bastante, uso e ensino para muita gente. O pessoal lá dentro até brinca: "Você fez Etapa." Quem fez o cursinho, lembra.

Que recordações você guarda do colégio?

Muita coisa. Dos professores, todo mundo lembra. Lembro que eu gostava muito de assistir às palestras e ler os jornais. Eu pensava: "Quero um dia dar uma palestra no Etapa, sobre o curso que eu fizer." No semestre passado dei aqui uma palestra sobre Farmácia, para o pessoal do cursinho. Foi bem legal a experiência de estar do outro lado. Depois da palestra respondi e-mail de muitos alunos.

O que você diria a quem quer prestar Farmácia?

O pessoal acha difícil entrar na faculdade, mas mais difícil é entrar no mercado de trabalho depois. Não existe uma Fuvest para o mercado de trabalho. Querendo ou não, você sabe o caminho para entrar numa faculdade. Mas não sabe o caminho para o mercado de trabalho. Por isso é importante, nessa hora, conversar com alunos que estão cursando e principalmente com pessoas que já cursaram. E questionar: "Como é seu dia a dia, qual é sua rotina?" Acho fundamental conhecer o campo de trabalho para decidir entre a faculdade A, B ou C. E ver se você gosta mesmo de Química, Biologia, Física, para estudar Farmácia e desenvolver sua carreira.

Jornal do Colégio ETAPA

Jornal do Colégio ETAPA

Editado por Etapa Ensino e Cultura
Redação: Rua Vergueiro, 1 987
CEP 04101-000
Paraíso – São Paulo, SP

Jornalista Responsável
Egle M. Gallian – M.T. – 15343